

CINEAÛE

Bons ou Maus
filmes
brasileiros



toda quinta-feira
no

Com CineaÛe

Parque Lage

às 20:30

rua Jardim Botânico

" Quem sabe onde está a verdade ? nos sonhos do poeta,
nas visões do monge, nas canções obscenizadas marinhei-
ro, na cabeça do doido, na palidez do cadáver ou no
vinho ardente da orgia ? Quem sabe ? "

Alvarás de Azevedo

"MINI-INTRODUÇÃO-ESTRUTURAL A OBRA DE SÉRGIO SANTEIRO "

O cinema documenta o espaço, em 24 quadros por segun-
do. O espaço apreende a realidade. A realidade da imagem: Brasil de 66 a 77:
repressão - esvaziamento cultural - falência - medo - desemprego - misera-
bilismo - fome - seca - câncer - cinema de imitação - sangue - silêncio -
cérebros rompidos - Tv - alienação - populismo - milagre - anti-energia -
loucura - misticismo - traição - festivos - intelectualóides e morte....
Estes são os tópicos de base, dos nossos conflitos internos... O homem em
tal estado, só pode documentar a fragmentação dessa miséria continental.

Agora pergunto: como se mostrar tudo isso, num discurs-
so cinematográfico ??? Ou se adota o cinema-realista de Oswaldo Caldeira/
Zé Avellar, ou se segue pela estrada das dúvidas, das contradições e até
mesmo do embaralhamento ideológico de informações. Serguei Santeiro opta
pelo grande felicidade pelo segundo caminho, se encontrando nessa sua peregrina-
ção pela Ideologia do Discurso com os mestres de Vertov/Eisenstein, vindo -
até Straub - Godard - e Glauber de Di Cavalcanti... Contudo, Sergio tem a
sua linguagem própria, o seu canto de guerra, as suas contradições transfor-
madas em imagens legíveis ou não. Seus documentos não são fáceis, pois to-
dos sabem que o "fácil" morreu com o cinema de imitação, ora em moda no
Brasil. O cinema da contradição, forçosamente tem que ser contraditório -
livre e permanentemente poético... A poesia da imagem, na palavra do discurs-
so... O gesto na reflexão...

"PAIXÃO" é tudo isso, numa tentativa feliz de desper-
tar a consciência crítica de um tempo... Tempo de guerra e ao mesmo tempo a
Luta como medida da sobrevivência do pensamento político. O discurso gestu-
al, entra como relação política do tempo... As impossibilidades: as universi-
dades - o povo - a juventude - a miséria - o despertar de uma consciência -
jovem... O homem para o tempo. O desenvolvimento das verdades sem as misti-
ficações simplórias do sistema. Um filme-gestual dos nossos primeiros mo-
mentos e ao mesmo tempo, um atestado de paixão ao cinema, vinculado ao pro-
cesso histórico. Amei o filme "PAIXÃO", pela irreverência linguística do
discurso inteligente. O poeta, está anti-posta em busca do tempo perdido.

Vendo em 77 o filme de 66, se nota claramente, a co-
ragem do passado, no silêncio confuso do presente... Se o discurso é frag-
mentado, já era nesse momento a descoberta do distanciamento, balizamen-
te bem manipulado como força política. A mesma força gestadora de "O Guesa"
- pra mim, um cantico poético de inspiração cósmica... Uma espécie de filma-
gem da "DIVINA COMÉDIA". Algo amplo, respirável e profundo. Da narração as
imagens é a história quem determina todo e qualquer movimento, todo e qual-

Santeiro
1977

-quer enquadramento. Não mais o enquadramento como ilustração da realidade, mais uma postura a serviço das nossas lutas políticas. O homem brasileiro, - como um resistente, à tradições reacionárias. Um misto quente de Inteligência, Villa Lobos, Povo e Liberdade. "O Guesa" me tocou profundamente no seu discurso a resistência. Resistir para se manter de pé, lutando para se preservar as nossas origens, as nossas tradições, e nesse humor. "Paixão" e "O Guesa" se fundem em "Klaxon", numa revisão histórica do relacionamento - entre a inteligência e o Estado. Qual a importância do discurso intelectual - ~~ei????~~ Em que medida ele é revolucionário e em que medida ele só é, um ple- no gesto perdido no espaço, de muitas imagens e sons ?!?!?!?!...

O elemento cinema, como reflexo de VIDA. Penso, logo/ existe... Mas a plena existência só é válida na exata medida do compromisso histórico. "Klaxon", questiona os nós do compromisso, como meta de luta e de vida. Em que medida o discurso intelectual pode contribuir para uma me- lhor compreensão das nossas contradições? O cinema só se justifica, quan- do questiona a si próprio numa postura muito mais ampla, que acaba ultrapag- sando o próprio filme, indo diretamente ao público numa relação extremamen- te curiosa, pois rompe radicalmente com os sons e imagens fornecidos pelo / sistema. "Klaxon" rompe com o discurso oficial e discute o papel do intelec- tual no tempo histórico dos modernistas até os nossos dias. Não mais a imi- tação como linguagem, não mais o sofrimento como medida de prazer, não mais a anulação do desejo, mais a necessidade de redescobrimos com humor de 22, todas as contradições da nossa formação de poetas, escritores, pintores, aj- res, escultores, fotografos - não desejados ^{P.C.C.} este sistema, que por todos os meios, procura assassinar ou anular o prazer da criação. A criação como pura manifestação de VIDA.

"Humor Amargo", extrapola criticamente pelo terceiro/ lado da moeda. Mas se a moeda só tem dois lados, é preciso imaginar um ter- ceiro lado, construir na imaginação reprimida do nascimento a morte e fato/ que nos é emitido: a IMAGINAÇÃO como Ideologia de Resistência. A janela pa- ra o mar pode estar em Copacabana, dentro do Cinema ou mesmo dentro de você. O importante é instigar a Imaginação. Um dos tópicos de conformismo do Po- der, se baseia na repressão da imaginação como referencial de base, para a manutenção da alienação - como medida do Real. Povo vazio, é povo improduti- vo; a partir daí o Sistema manipula com tudo e com todos. Os personagens do "Humor Amargo", se manipulam, sendo automaticamente manipulados por um sistema maior, externo à própria representação. Paulo José como mineiro bo- bo, ou Carvana como malandro, representam a santa ingenuidade - que permite o Poder, se afirmar como anti-ideologia, como anti-consciência. Passam a ser dominados pela Falência como totalidade da pequena-afirmação. Ninguém - enganar ninguém - estamos todos sendo enganados por uma representação maior: o Imperialismo Kodak X "Humor Amargo". Resultado: "Viagem Pelo Interior - Paulista". Filme-manifesto contra a classe dominante. Uma pequena amostra/ da falência, dos valores de base da burguesia: a propriedade privada. A

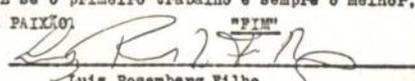
falência estrutural da família brasileira. As casas estão ao longe, vazias, em ruínas. Todo o referencial do passado, não mais se aplica ao presente...

Cães, galinhas e cavalos, passam a ser os donos do espaço histórico: a falência transatlântica da oligarquia rural. SE trans- formou o processo analítico, e essa ida ao passado da classe dominante e do- minada pelo Imperialismo - nos mostra claramente que em breve também sere- mos anulados, pois mantemos atados a interesses externos. E seremos esqueci- dos, por estarmos todos, divorciados da análise histórica, do compromisso - histórico. Essa melancólica viagem ao passado - é uma constatação épica / por ser sempre distanciada - de uma pequena amostra da nossa própria Morte. A morte do Império, a morte das Oligarquias, a morte do Vazio, a morte da Morte. "Viagem Pelo Interior Paulista" é um discurso brechtiano sobre o fim de um tempo - que por si só, já é reflexo desse nosso momento. Momento con- fusão de anulação do conceito de Liberdade.

O curioso em tudo é que em "Universidade Fluminense" Sérgio retorna também ao seu primeiro filme. Se em "Paixão" havia uma medi- da de relação política com o espaço não só geral, como universitário, em "Universidade Fluminense" o gesto político foi transformado numa só lamenta- ção de morte, de confusão e de anulação da participação do jovem da vida po- lítica brasileira. Não mais a Universidade como agregação dos nossos proble- mas, mais como morte das últimas esperanças de uma possível participação na vida do país. As vozes frágeis misturadas, dão claramente a idéia da confu- são, do mau ensino, do mau caratismo da classe dominante, que já transforma os seus alunos em NADA. Um fator NADA que amanhã, renderá ideologicamente/ na política, no afeto, no trabalho, na vida e mesmo no prazer. Universidadg estãs, que no amanhã só gestarão o real do reflexo desse presente de lamenta- ções, de mentiras, de milagres e de muita dor.

Se "Paixão" foi um gesto de ação política, "Universi- dade Fluminense" é um gesto crítico de pura reflexão sobre o nosso atual - processo de alienação pedagógica. Se volta com o cinema à universidade, pa- ra se constatar a morte de toda uma GERAÇÃO. A geração do milagre, a gera- ção do desenvolvimentismo, a geração da mentira... E satisfatoriamente, os documentários da "Siderurgica Nacional" e a "Indústria do Soldado" - ser- vem como contra-ponto à toda uma gestação da morte como referencial históri- co. Ali, os homens erguem os fornos industriais da História. Uma História - sustentada a fogo e sangue.

Os documentários de Sérgio Santeiro - não são ^{só} uma/ reflexão política sobre o processo brasileiro, como um gesto profundo de paixão a própria paixão. Sérgio é dos cineastas, que sempre voltará ao pri- meiro trabalho. E se o primeiro trabalho é sempre o melhor, ele estará sem- pre nas bocas da PAIXÃO


Luis Rosenberg Filho.
Rio, Março/77.